

Um “Romance de Alexandre” cortesão:

O lúdico nas imagens marginais do Ms. Bodley 264 (Biblioteca Bodleiana, Oxford)

Lucas Werlang Girardi¹

Resumo: O artigo busca estabelecer uma análise do volume MS. Bodley 264, da Biblioteca Bodleiana, em Oxford, e as imagens contidas em seu “Romance de Alexandre”, com especial enfoque àquelas situadas nas margens. A fim de compreender o manuscrito, se apresentará o volume em uma descrição técnica e codicológica, passando por uma abordagem de seu conteúdo, entendendo-o como fruto da transmissão de uma tradição textual da antiguidade ao medievo. Em seguida, serão levantados debates sobre o cerne do artigo, as imagens do volume, versando sobre a relação entre margem e centro nos manuscritos, assim como na própria sociedade medieval. Ao perspectivar as imagens marginais, será notada a frequência de temáticas lúdicas nas mesmas, levando a uma categorização e análise de seu significado. Estas reflexões auxiliam na compreensão tanto da produção do códice, como da própria sociedade em que ele foi produzido.

Palavras-chave: Imagens; Lúdico; Margens; MS. Bodley 264; Romance de Alexandre.

Abstract: The article seeks to establish an analysis of the MS. Bodley 264, from the Bodleian Library, in Oxford, and the images contained in its “Romance of Alexander”, focusing on those located on the margins. In order to understand the manuscript, the volume will be presented in a technical and codicological description, going through an approach to its content, understanding it as the result of the transmission of a textual tradition from the ancient to the medieval period. Then, debates will be raised about the core of the article, the images of the volume, dealing with the relationship between margin and center in the manuscripts, as well as in medieval society itself. When looking at marginal images, the frequency of playful themes in them will be noticed, leading to a categorization and analysis of their meaning. These reflections help to understand both the production of the codex and the society in which it was produced.

Keywords: Images; Margins; MS. Bodley 264; Play; Romance of Alexander.

A courtly “Romance of Alexander”:

The playful in the marginal images of MS. Bodley 264 (Bodleian Library, Oxford)

¹ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel e licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor substituto do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e membro do Translatio Studii (UFF). E-mail: lucaswgirardi@hotmail.com.

Uma introdução ao volume

Este artigo tem como objetivo analisar o manuscrito MS. Bodley 264, observando as imagens que o constituem, com especial atenção às múltiplas figuras representadas nas margens do manuscrito. Serão levantadas reflexões acerca de sua produção e circulação, a relação entre margem e centro nos fólhos e a importância do aspecto lúdico, abundante nas figuras marginais mencionadas. Entre os textos presentes na atual composição do códice está o chamado “Romance de Alexandre”, cuja extensão recortou a proposta deste estudo, e que deve ser entendido tanto em seu aspecto de produção quanto como parte de uma tradição textual, a fim de avançar nas discussões sobre a importância das margens nos manuscritos e da ludicidade para a sociedade que o ambienta.

O manuscrito MS. Bodley 264 está conservado na Biblioteca Bodleiana da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Para esta investigação, o acesso ao códice se deu por via digital, disponível através da coleção “Early Manuscripts at Oxford”, parte do projeto “Digital Bodleian”, que busca tornar acessível digitalmente o acervo da Biblioteca Bodleiana². O MS. Bodley 264 é um dos volumes disponibilizados integralmente pelo endereço eletrônico que hospeda o projeto³. A disponibilização de fontes através de bibliotecas digitais torna possível e potencializa as pesquisas que objetivam o estudo de manuscritos que antes só poderiam ser acessados de forma física. Compreende-se que os estudos que se baseiam em acesso remoto à fonte são executáveis e legítimos, ainda que seja necessário considerar as limitações que o manejo digital acarreta. No caso desta pesquisa, menciona-se os momentos em que o endereço eletrônico esteve indisponível ou ofereceu dificuldades, por falta de manutenção, limitando o acesso, por exemplo. Ainda, o contato direto com o material faz-se inviável, assim como sua devida medição e visualização das cores, devendo o pesquisador ou pesquisadora se apoiar nos catálogos e reconhecer a possibilidade de variação nas cores presentes nos manuscritos. Além disso, há questões relacionadas ao processo de digitalização, como é o caso do MS. Bodley 264: é possível notar que a forma de digitalizar cobriu pequenas porções das margens do reto de alguns fólhos com o verso da página anterior. Ainda que a porção encoberta seja de extensão reduzida, reconhece-se que há a possibilidade de, eventualmente, uma imagem menor ter sido suprimida.

² Ver em: <<https://digital.bodleian.ox.ac.uk/?#>>, acessado em: set. 2020.

³ Ver o manuscrito digitalizado em: <<http://image.ox.ac.uk/show?collection=bodleian&manuscript=msbodl264>>, acessado em: set. 2020.

O volume possui um total de 274 fólhos de pergaminho, e é composto por três matérias diferentes, como lista o catálogo de manuscritos da Biblioteca Bodleiana⁴: a primeira, “Romance de Alexandre”⁵, escrita em verso e em francês, abrange a maior parte do códice, entre o terceiro fólho e o 208º; as outras duas teriam sido adicionadas posteriormente, na Inglaterra do século XV. Entre elas, o segundo texto é denominado “Alexander and Dindimus”, em verso e em inglês, e ocupa, além do primeiro fólho, do 209 ao 215. Por fim, tem-se um texto nomeado “Li livres du Graunt Caam”, de Marco Polo, escrito em prosa e em francês, ocupando tanto o segundo fólho, quanto do 218 ao 274. As três matérias possuem um texto escrito em alto grau de formalidade, indicando a importância do material. Da mesma forma, todos contêm diversas miniaturas conjuntamente do texto escrito, algumas ocupando uma face inteira dos fólhos. Todos são abundantemente ornamentados, com motivos de flores e vegetação, assim como de pequenos animais. Neste ponto, porém, é necessário diferenciar o material do “Romance de Alexandre” dos demais, pois sua ornamentação possui características distintas, assim como grande número de figuras marginais, apresentando cenas e interações curiosas, entre diversas representações de seres humanos e animais.

A existência e diversidade destas figuras nas margens do manuscrito foram os elementos que permitiram o levantamento de problemáticas para a elaboração deste artigo, motivo pelo qual optou-se por realizar um recorte na análise do MS. Bodley 264, considerando apenas o material do “Romance de Alexandre” (fólhos 3-208).

O manuscrito, em seus fólhos de 45 centímetros de comprimento, partindo da medição proporcionada pela digitalização, distribui seu texto em duas colunas de 45 linhas cada – no caso de não possuir miniaturas ou iniciais. As miniaturas, como colocado, podem ocupar toda a extensão de um fólho, ou apresentarem-se no decorrer e em conjunto do texto, variando sua proporção, correspondendo entre dez a vinte linhas. São nove miniaturas que ocupam a face inteira de um fólho, de um total de, originalmente, treze, segundo o pesquisador Mark Cruse, e 175 contabilizando todas que aparecem no manuscrito (CRUSE, 2006, p. 45). Para o autor, é a coleção mais completa de poemas franceses de Alexandre, e contém mais ilustrações no decorrer do texto do que qualquer outra cópia existente deste romance (CRUSE, 2006, p. 43). As iniciais costumam compreender duas linhas de comprimento no texto, ou, menos frequentemente, seis, quando não historiadas, e oito, quando historiadas, que costumam

⁴ As informações do catálogo baseiam-se em PÄCHT, O.; ALEXANDER, J. J. G, 1966-1973. Ver catálogo em “Medieval Manuscripts in Oxford Libraries”: <https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_1315>, acessado em: set. 2020.

⁵ Do original no catálogo: “Romance of Alexander”. Diferente dos demais títulos, este será traduzido para o português ao longo do artigo, a fim de favorecer a fluidez da leitura.

aparecer logo após miniaturas de página inteira. Como mencionado, abundam as margens no manuscrito, em quantidade e conteúdo, que podem ser discutidas em importância e significado. Além delas, exibem-se ornamentações em forma de folhagens partindo das miniaturas e iniciais presentes. Ainda é interessante notar o manuseio do ouro, utilizado em praticamente todos os fólios do MS. Bodley 264, e não apenas em iniciais e miniaturas, como também em figuras marginais.

Sobre as descrições das imagens em meio aos escritos e suas características temáticas, pode-se afirmar que o principal mote das miniaturas trate de conflitos armados, encontros e caça a criaturas fantásticas, ou interações entre personagens de corte. À exceção destas ocorrências, pode-se demarcar eventos como a ida de Alexandre ao fundo do mar, no fólio 50r. As iniciais, por sua vez, que aparecem em tamanhos diferentes, tem algumas variações. As menores, por exemplo, podem apresentar apenas o formato da letra, porém, outras vezes exibem representações de rostos humanos, como retratos, estendendo do topo da cabeça ao colo. As iniciais de maior extensão, fora nos momentos que sucedem miniaturas de página inteira e são historiadas, tem seu interior preenchido por folhagens. As ornamentações consistem em folhagens, em forma de ramos de trajeto circular com folhas de três pontas ou círculos nas extremidades. Junto delas, há representações de pássaros, pequenos animais e insetos, ora em um mesmo fólio, ora alternando-se, podendo dar lugar, algumas vezes, a figuras antropomórficas, que portam instrumentos ou armamentos. Algumas vezes hastes seguem o texto do topo ao fim do fólio, fazendo a função de uma estrutura para as folhagens, ou até mesmo como um piso para as figuras de animais ou aos acontecimentos das margens.

Dadas as características técnicas, caberá um aprofundamento dos elementos citados, mas são necessárias algumas considerações a nível teórico-metodológico para o estudo e análise das imagens em questão. Ainda que o foco deste artigo esteja na investigação das figuras marginais do MS. Bodley 264, argumenta-se que não seria possível avançar nos debates e buscar significações quanto às mesmas sem considerar o quadro geral das imagens presentes no material selecionado. Tomando as considerações do historiador Jean-Claude Schmitt, em seu livro “O corpo das imagens”, compreende-se que não seria possível isolar uma imagem ou apenas uma parcela de imagens para sua análise, o que seria uma prática arbitrária e equivocada (SCHMITT, 2007, p. 41). Isso se evidencia no caso da pesquisa em manuscritos medievais, uma vez que toda imagem se insere num ciclo ou série, indicando uma lógica própria. Nesse sentido, ao falar das imagens do material selecionado, é importante pensar nas miniaturas que ocupam toda a face de um fólio, as miniaturas de dimensões mais

reduzidas, as iniciais historiadas ou não e mesmo as figuras marginais – por mais que a relação destas com as demais seja motivo de debate –, como se colocará adiante. Como aborda Mark Cruse, miniaturas de página inteira portariam uma narrativa e temáticas autônomas quanto ao texto que estavam atreladas, o que significa que imagens e texto não possuiriam uma relação de subordinação, mas de associação (CRUSE, 2014, p. 68). Seguindo esta perspectiva, não só se pode falar de uma autonomia das miniaturas de maior dimensão, como também ampliá-la para toda a série de imagens presentes no manuscrito.

A esta preocupação metodológica une-se a noção de que a presença de imagens em um material que contenha textos não deve ser considerada enquanto uma simples ilustração. Neste aspecto, Schmitt recorda que “as respectivas especificidades da imagem e da língua impedem que a primeira seja jamais designada como ilustração de um texto” (SCHMITT, 2007, p. 34), o que se aplica mesmo em casos de miniaturas que aparecem pintadas em relação direta com o conteúdo de um texto. Como explica o autor, enquanto o texto evoca seus significados “na sucessão temporal das palavras”, a imagem “organiza espacialmente a irrupção de um pensamento figurativo radicalmente diferente” (SCHMITT, 2007, p. 34), o que retorna à ideia de associação entre as duas formas.

Por outro lado, entender a imagem dentro de uma série, assim como compreender suas especificidades, também deve ser um movimento que considera o que está fora da mesma, isto é, é necessário considerar a cultura, tradição e contextos em que ela está inserida. Há também, nas imagens, uma determinada função social, e neste sentido, Jean-Claude Schmitt indica que na “relação entre a forma e a função da imagem encontra-se expressa a intenção do artista, do financiador e de todo o grupo social envolvido na realização da obra” (SCHMITT, 2007, p. 46). Investigam-se, portanto, os elementos internos às imagens, assim como seu lugar dentro da sociedade.

O “Romance de Alexandre” e a transmissão de sua tradição

Identificadas as características gerais do volume e explicitados os recortes de análise, o próximo passo será entender o texto em si, inserido no volume, em sua escrita e conteúdo. Inicialmente, parte-se da leitura do colofão⁶, ou colofões, uma vez que há mais de um ao fim do texto do “Romance de Alexandre”, ambos registrados no fólio 208r. O primeiro oferece a informação da data de finalização da escrita, dezoito de dezembro de 1338. Logo abaixo, no

⁶ Trata-se de uma inscrição inserida ao fim do texto ou manuscrito, que fornece informações sobre a produção do mesmo. De acordo com Raymond Clemens e Timothy Graham, seria a melhor forma de buscar evidências para a origem de um manuscrito (CLEMENS; GRAHAM, 2007, p. 117).

segundo, lê-se: “Este livro foi iluminado | (...) por Jehan de | Grise no ano da Graça de 1344” (fólio 208r)⁷. Como ponto de partida, os dois colofões permitem estabelecer uma aproximação do período de produção do texto e suas imagens, o primeiro encerrado em fins de 1338, sem uma autoria, e o segundo por um dito Jehan de Grise, no ano de 1344.

Nota-se que há uma quantidade relevante de dados para a produção deste manuscrito, porém, ainda se levantam dúvidas sobre as próprias informações dispostas nos colofões. Afinal, não se tem qualquer indício do patrono da obra, do lugar de sua produção, assim como quem é Jehan de Grise – incluindo se este é de fato um artista ou líder de artistas envolvidos – e como o volume chegou na Inglaterra e na Biblioteca Bodleiana. Estas questões são amplamente discutidas pelo pesquisador Mark Cruse, anteriormente mencionado, que se dedicou à análise do MS. Bodley e seu “Romance de Alexandre” no livro “Illuminating the ‘Roman d’Alexandre’” (2011), entre outros artigos, como os que serão utilizados aqui: “Costuming the Past” (2006) e “Making a ‘super Alexander Romance’” (2014).

Considerando as lacunas nas informações contidas nos manuscritos, é comum que se busque respostas por conexões diversas e hipotéticas, através de indícios na produção dos volumes, a relação dos textos, a linguagem, temas, inscrições marginais, e mesmo possíveis contextos históricos. Este é o caso das análises de Cruse ao buscar responder parte das questões levantadas.

No intento de apontar o local de produção do texto do “Romance de Alexandre” presente no MS. Bodley, traçam-se relações entre diversos aspectos para localizá-lo em Tournai, na região dos Países Baixos. Em um primeiro apontamento, pode-se tomar a afirmação de S. K. Davenport de que o volume seria o produto de um ateliê de artistas, dado que ao menos quatro foram responsáveis pelas iluminações, e que, através da língua picarda exposta no texto, estes trabalhariam na região norte da França ou Flandres. Ainda de acordo com o autor, o centro desta oficina poderia ser em Bruges (DAVENPORT, 1971, p. 83). Estas afirmações de Davenport basearam-se em um trabalho de E. W. B. Nicholson, cujas considerações também aproximariam o códice de Bruges, por uma identificação do nome de Jehan de Grise a uma família da região (CRUSE, 2006, p. 57, n. 2; 2011, p. 187).

Afastando-se em parte das concepções de Nicholson, Cruse se guia pela opinião de parte de especialistas de história da arte, que tenderiam a associar as imagens do MS. Bodley 264 a um iluminador de Tournai chamado Pierart dou Tielt (CRUSE, 2011, p. 187). A

⁷ Traduzido de: “Che liure fu perfais de le enluminure | (...). per jehan de | grise.. lan de grace. m. ccc. xliiii.”. Para a transcrição, optou-se por manter a escrita o mais similar ao encontrado no texto, sem modernizá-lo, mas adaptando-o aos caracteres disponíveis.

formação disto que seria um “consenso geral” sobre a participação de Pierart, como coloca o autor, entraria em questões que não se poderiam aprofundar neste momento, mas discute-se inclusive de sua participação enquanto idealizador ou diretor do ateliê de artistas envolvidos na iluminação do códice (CRUSE, 2011, p. 187). Localizar o manuscrito em Tournai também parece criar um sentido geral com as demais hipóteses do autor, que insere a circulação da obra no contexto da Guerra dos Cem Anos.

Não há qualquer indício do patrono da obra. Em um de seus artigos, Mark Cruse analisa o uso de brasões de armas nas imagens do manuscrito, buscando, entre outros fatores, determinar se os mesmos podem ligar-se a um determinado sujeito – o que ao fim é rejeitado pelo autor (CRUSE, 2006). Em seu livro, Cruse aponta caminhos para identificar um patrono, ainda que seja impossível determinar com certeza: argumenta-se que sua riqueza imagética e ornamental poderia ser naturalmente vinculada a um rei e sua família; em seguida, indica que seu fim poderia ser tanto o rei da Inglaterra, Eduardo III, quanto da França, Filipe IV, por patronato direto ou como um presente. Entre propostas de similaridades com outros manuscritos e rumos das batalhas da Guerra dos Cem Anos, pesaria a favor da Inglaterra o destino final do manuscrito, enquanto, para o lado francês, penderia a lealdade de Tournai ao rei da França e a presença francesa no local (CRUSE, 2011, pp. 190-193).

Porém, mais do que determinar o patrono, parece haver mais possibilidades de estabelecer uma genealogia dos proprietários, a partir de sua chegada na Inglaterra. Mark Cruse afirma que, através das imagens e conteúdos presentes nos outros dois textos do MS. Bodley 264, “Alexander and Dindimus” e “Li livres du Graunt Caam”, é possível afirmar que foram adicionados em 1410, em território inglês (CRUSE, 2011, p. 182). Deste ponto em diante, através de diversas notas presentes no volume, é possível distinguir diferentes possuidores do mesmo. Entre eles destaca-se Richard Woodville – Lord Rivers –, membro da Ordem da Jarreteira, que teria comprado o manuscrito em Londres, no dia de Ano Novo. Segundo Cruse, Lord Rivers seria pai da rainha consorte Elizabeth, esposa de Eduardo IV, o que ligaria o volume à família real. Se esta for uma hipótese aceita, ocorre que na genealogia dos possuidores do volume, este teria posteriormente se afastado de mãos reais. Cruse aponta três outros proprietários do manuscrito, baseado ainda nas inscrições que encontra em seus fólhos, até supor de sua entrada na biblioteca bodleiana no século XVII, cedido pelo próprio Thomas Bodley, uma vez que o códice não aparece em listas de doação (CRUSE, 2011, pp. 197-198).

No que concerne ao conteúdo em si, o chamado “Romance de Alexandre” não é uma criação do século XIV. O texto inserido no MS. Bodley 264 é fruto de uma longa tradição manuscrita, com um amplo leque de significados ao longo da Idade Média. Contam-se numerosos manuscritos do “Romance de Alexandre”, mas segundo D. J. A. Ross, todos derivariam, direta ou indiretamente, de uma versão grega, de autoria dada a um Pseudo-Calístenes (ROSS, 1952, p. 67). O pesquisador de estudos clássicos Richard Stoneman detalha esta origem na introdução de sua edição da versão grega do “Romance de Alexandre”. O autor explica que em diversos manuscritos quatrocentistas do romance, a autoria era atribuída a Calístenes, sujeito próximo ao próprio Alexandre histórico. Ocorre que, antes da expedição de Alexandre à Ásia, o destino de Calístenes foi a morte, o que ulteriormente impossibilitaria sua autoria. Neste sentido, é comum que se refira ao autor enquanto Pseudo-Calístenes (STONEMAN, 1991, p. 16). Porém, o autor não se contenta com esta resolução, e desvela uma série de versões possíveis para fundamentar sua edição do “Romance de Alexandre”.

Para este artigo, importa entender qual tradição ecoou nos textos medievais. Segundo a historiadora francesa Claude Mossé, no Ocidente, a fonte principal dos poemas e obras em prosa dedicados a Alexandre foi a tradução latina de Julius Valerius, produzida cerca do século III, e posteriormente a “Historia de Proeliis”, do arcepreste Leo de Nápoles, do século X (MOSSÉ, 2004, p. 191).

De acordo com o historiador francês Pierre Vidal-Naquet, a figura de Alexandre foi tomada de diversas maneiras ao longo do período medieval, desde um modelo do herói magnânimo até o de um guerreiro sedento por sangue, a depender da tradição que tratasse sobre o mesmo (VIDAL-NAQUET, 2002, pp. 133, 136). Este também é o argumento de Stoneman, ao afirmar que cada período fez seu próprio Alexandre: a tradição hebraica o fez um pregador e profeta, os cristãos ortodoxos enfatizaram sua obediência a Deus, os persas o veem ora como figura que destruiu os altares de fogo do Zoroastrismo ora como legítimo rei da Pérsia, e no ocidente medieval ele seria um modelo de cavaleiro (STONEMAN, 1991, p. 11). Numa visão mais específica e ocidental, Claude Mossé apresenta dois Alexandres, sendo uma corrente do século XII e XIII voltada para um modelo cavalheiresco, e outra que afirmava sua dimensão filosófica e política, como um ideal monárquico, aliança do saber e do poder temporal, através da relação de Alexandre e Aristóteles (MOSSÉ, 2004, p. 192). Compreendendo que o MS. Bodley 264 ressoa a circulação do “Romance de Alexandre”, mas que também possui suas próprias particularidades, poder-se-ia argumentar, com Mark Cruse,

que este texto também ressignifica a narrativa e constrói seu próprio Alexandre, ao relacioná-lo aos eventos de seu tempo (CRUSE, 2011, p. 71). O Alexandre do volume em análise é assimilado a um cortesão, utiliza roupas características e convive com castelos e cavaleiros. Ele será, portanto, atrelado a uma cultura de corte, tomando semelhanças com a nobreza da época (CRUSE, 2006, p. 51).

Quanto à trama do romance, o núcleo que parece ter permanecido junto da transmissão textual, há uma constante desde sua versão grega. A narrativa conta, em uma combinação entre elementos factuais e fantásticos, desde a concepção de Alexandre entre Olímpia – esposa de Filipe II da Macedônia – e Nectanebo II – entendido como último faraó egípcio –, até a morte do protagonista, por envenenamento. Ao longo de diversas campanhas militares na Grécia, Egito, Pérsia e Índia, Alexandre enfrenta diversos líderes e encontra mundos e seres maravilhosos, além de fundar Alexandria (STONEMAN, 1991, pp. 13-16). Como descreve Claude Mossé sobre a versão medieval do conto, “Alexandre percorre países povoados por seres extraordinários, gigantes, antropófagos, homens sem cabeça que ‘conversavam, no entanto, na sua língua à maneira dos homens’ e chega até as regiões onde o sol não brilha” (MOSSÉ, 2004, pp. 189-190). Do fundo do mar até os céus, Alexandre se depara com o fantástico, o que pode ser encontrado durante os fólios do MS. Bodley 264, principalmente em suas margens, onde existem figuras que partilham características humanas e animais, por vezes apenas com a fronte antropomórfica, outras numa divisão proporcional, semelhantes a centauros, sereias ou harpias. Porém, retorna-se à noção de que todos estes eventos não são colocados dentro de um contexto macedônico, mas medieval. As estruturas apresentadas nas imagens são próprias da Idade Média, vê-se castelos de pedra com suas arquiteturas peculiares, roupas distintas, a forma de representar a montaria a cavalo, os armamentos, entre outros. Pode-se demonstrar estes aspectos através do exemplo da imagem a seguir. Em certa altura da narrativa Alexandre enfrenta Poro, colocado como um rei indiano, em um combate singular.

Imagem 1 – Alexandre derrota o Porus num combate singular, fólio 75r.



Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Neste evento, o combate singular é representado enquanto a realização de uma justa – prática corrente no Ocidente medieval a partir do século XII (FLORI, 2005, p. 98) –, onde a cada cavaleiro é dado um brasão de armas singular, a fim de identifica-los, e atesta-se a vitória de Alexandre – à direita – pela forma em que as figuras são retratadas na miniatura. Além disso, na imagem é perceptível a representação de um muro fortificado em sua parte superior. Assim, tem-se que o MS Bodley 264 ecoa e ressignifica o “Romance de Alexandre” a partir de seu próprio contexto de produção, identificado com uma cultura cortesã e cavaleiresca, e aparente nas representações do manuscrito, como se aprofundará em seguida.

As margens lúdicas do MS. Bodley 264

As margens do MS. Bodley 264 são uma de suas marcas e um dos motivos pelos quais é lembrado. Enquanto manuscrito iluminado, este volume estaria colocado em um período em que cada vez mais se inseririam imagens nas margens – prática que se estenderia desde o fim do século XII até do XV (PEREIRA, 2008). Os tipos de imagens representadas nas margens do volume em análise variam, podendo se associar a hábitos cotidianos, sejam relacionados ao trabalho, seja quanto a divertimentos; ou se orienta para figuras burlescas, as chamadas “drôleries”. Este segundo tipo de imagem é frequente, apresentando situações diversas, em que se constituem seres com partes antropomórficas e zoomórficas, ou mesmo representações de animais domésticos realizando atividades humanas de rotina.

Se em um primeiro momento poderia existir uma sensação de que as imagens marginais são elaboradas de forma aleatória ou sem sentido, recorda-se que, como afirma Jeffrey Hamburger, estas também estavam dentro dos limites das convenções sociais da época, mesmo as paródias, fazendo parte de um repertório de significados reconhecível tanto para os artistas quanto pelos leitores (HAMBURGER, 1993, p. 320). A diversidade das margens interessa para os debates que serão levantados em seguida, que tencionam demonstrar que estas imagens têm um lugar determinado na ordenação do manuscrito.

Para compreender as imagens marginais é necessário integrá-las na lógica do manuscrito, e neste caso, o lugar ocupado pela margem possuiria um sentido literal quanto à sua importância no conjunto – uma imagem marginal seria, de fato, o que pode ser considerado de menor importância, periférico. É isto que explica Jérôme Baschet, ao tratar sobre o tema da subversão de valores na sociedade medieval, em seu manual “A civilização feudal”. O autor aborda práticas como o Carnaval e as margens dos manuscritos iluminados: ambos estariam numa lógica de “subversão integrada dos valores” (BASCHET, 2006, p. 230), em que existiria a tolerância sobre atitudes consideradas contrárias aos valores cristãos,

exatamente para, através desta oposição, reafirmar que práticas seriam corretas ou equivocadas. Assim, Baschet argumenta que as festas de Carnaval seriam aceitas na sociedade medieval, mas apenas dentro de um todo significativo em que o Carnaval estaria em oposição direta à Quaresma, celebração cristã seguinte, que derrotaria a desordem e os pecados da anterior, levando a um tempo de ordenamento e enquadramento social (BASCHET, 2006, pp. 231-233). Nesse mesmo sentido estariam as margens de manuscritos iluminados, que em determinados casos trariam um contraste evidente entre o sagrado e o profano. Para o autor, deve-se considerar precisamente o local em que cada imagem ocupa: por um lado há a centralidade – portanto, valorização –, e por outro a margem – o que é secundário, depreciado (BASCHET, 2006, p. 233-235). A presença de aspectos marginais nos manuscritos – em ambos os sentidos – serviria, portanto, para reafirmar o que de fato importaria para a sociedade, o que era apresentado ao centro. No caso do Ms. Bodley 264, não se trata de tensão entre sagrado e profano, pois a obra associa-se a uma matéria secular, porém, a partir dos argumentos de Baschet, pode-se entender que as margens seriam não apenas planejadas, como também fariam parte de uma relação com o todo do manuscrito, possuindo uma função própria.

Em sentido similar, Maria Cristina Pereira, em seu artigo “À margem da página: imagens ‘marginais’ nos manuscritos medievais”, ressalta a variedade de relações comuns entre margem e centro presentes nos manuscritos iluminados: seja de complementaridade, seja de antagonismo e paralelismo, motivo pelo qual qualquer generalização sobre a função das imagens marginais seria insatisfatória (PEREIRA, 2008). Como coloca a autora, o próprio enquadramento – moldura – das imagens centrais indicaria sua importância, enquanto a imagem marginal seria inserida diretamente no material (PEREIRA, 2008). A imagem a seguir sinaliza as interações ressaltadas, e enseja a discussão subsequente.

Imagem 2 – Soldados armados mirando em figuras humanas que sustentam a miniatura central, fólio 88v.

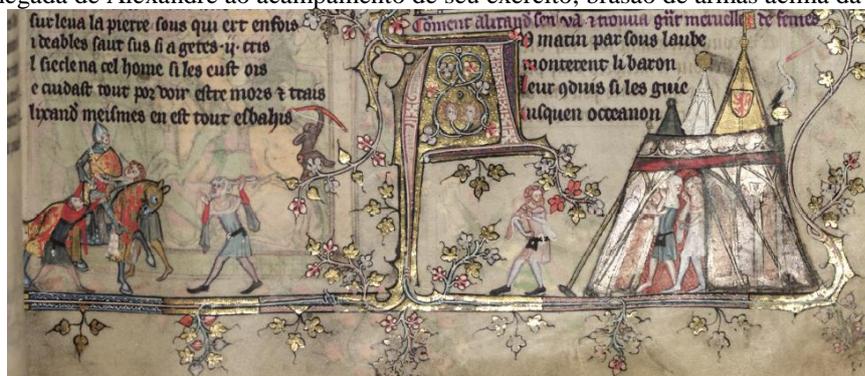


Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

No detalhe apresentado, representações humanas dividem-se em dois grupos, há soldados armados, e estes apontam suas flechas para figuras que parecem sustentar o peso da miniatura que ocupa o fólio 88v. É a partir de exemplos como esse que Maria Cristina Pereira argumenta dos antagonismos entre as imagens de centro e de margem (PEREIRA, 2008). Se por um lado deve-se compreender o lugar das imagens dentro do manuscrito, por outro, as relações demarcadas levam a outro debate: se há nas imagens marginais, de fato, uma relação ou diálogo com o texto e as imagens centrais.

Ao deparar-se com um leque tão extenso de situações nas imagens marginais dos manuscritos – incluindo macacos em carroças, aves andando em pernas de pau ou coelhos portando bestas –, o pesquisador ou pesquisadora poderia concluir que elas seriam completamente aleatórias em relação ao texto e suas imagens enquadradas. Porém, a relação entre estas figuras com o restante do manuscrito têm sido defendida por parte de seus estudiosos nas últimas décadas. Para S. K. Davenport, no artigo “Illustrations Direct and Oblique in the Margins of an Alexander Romance at Oxford”, existiria uma relação direta entre as ilustrações marginais do manuscrito MS. Bodley 264 e o texto do mesmo (DAVENPORT, 1971, p. 83). A base de sua argumentação reside em citar algumas coincidências narrativas entre as figuras iluminadas no corpo do texto e as margens, como a do fólio 66r – em seguida – que retrataria o retorno de Alexandre do vale que homem algum poderia escapar, reproduzindo a chegada do rei ao acampamento de seu exército, representado por um brasão com um leão vermelho à frente de um fundo dourado (DAVENPORT, 1971, p. 85).

Imagem 3 - Chegada de Alexandre ao acampamento de seu exército, brasão de armas acima da tenda, fólio 66r.



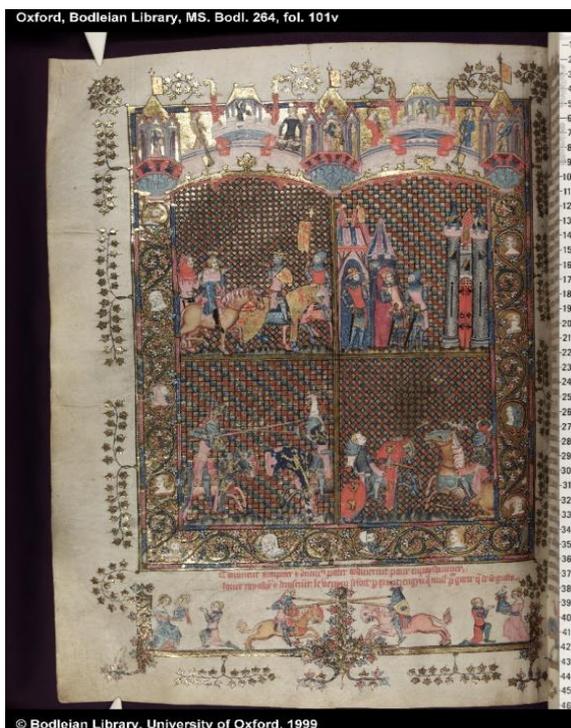
Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Interessa ressaltar que os brasões de armas são constantes ao longo das imagens dos manuscritos, sejam elas centrais ou marginais. O estudo de Mark Cruse suscita que os brasões criariam uma narrativa visual para que se pudesse acompanhar a história ao identificar

Alexandre e seus oponentes através dos símbolos recorrentes em suas armas (CRUSE, 2006, p. 45). Ainda que o problema da relação entre centro e margem não esteja diretamente colocado em seu artigo, Cruse estabelece que a narrativa visual fluiria tanto pelas miniaturas, centrais no MS. Bodley 264, quanto pelos brasões apresentados nas margens.

Para Davenport, existiriam 61 fólhos comprovadamente conectados ao texto, e o autor acredita que podem ser encontrados ainda mais (DAVENPORT, 1971, p. 85). A tese do autor segue a ideia de que a aparição das imagens nas bordas acompanha ao menos o contexto da narrativa, a exemplo do fólho 181v – em seguida –, onde pode-se constatar a existência de música no texto principal, seja pelas partituras ou pelas miniaturas com cenas de dança. No caso, as margens também colocam figuras em movimento, como numa dança. Em um segundo exemplo, pode-se colocar o fólho 101v – na sequência –, demonstrando o exercício da justa numa miniatura de página inteira, e nas margens, igualmente, dois cavaleiros enfrentando-se na mesma atividade.

Imagens 4 e 5 – Partituras, miniaturas e margens com dança, fólho 181v; Miniatura de página inteira com representações de justa equestre, assim como na margem, fólho 101v.



Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Ainda sobre fólho 181v, nota-se que abaixo da coluna de texto da esquerda estão seres zootropomórficos, que aparecem na mesma posição de dança que sua contraparte à direita, que podem ser identificadas como mulheres. Sobre estas figuras nas margens, também é

necessário notar a relação de oposição estabelecida entre aquelas à esquerda e as do resto do fólho, tanto nas margens quanto no centro. Ali, observa-se que as figuras masculinas são representadas com cabeças de animais, ou o que Margherita Lecco identifica enquanto máscaras utilizadas na dança (LECCO, 2013-2014, p. 15). De qualquer forma, a cena compõe uma inversão de tons jocosos do contexto da dança, que permite supor uma crítica ou, no mínimo, um senso de quebra de expectativa do observador das imagens.

Quanto ao fólho 101v, pode-se atentar que há a construção de uma narrativa nas margens, em que as figuras femininas, nas extremidades, parecem investir as figuras masculinas com uma peça de armadura, que por sua vez, enfrentam-se no espaço intermediário, uniformizados com as peças concedidas. Um primeiro ponto é a evidente menção às práticas de cavalaria da investidura e a noção de fidelidade à dama e senhora. Da mesma forma, estão os brasões e a própria prática da justa, que direcionam à hábitos cortesãos. Mas a considerar a relação entre a situação exposta na margem e aquela da miniatura, ao centro do fólho, parece existir uma complementaridade, replicando a mesma matéria, sem qualquer indício de intenção burlesca.

Mesmo certificando as relações das margens com o texto, Davenport coloca que poder-se-ia argumentar que tais imagens foram colocadas de forma aleatória, uma vez que práticas cortesãs e guerras são assuntos comuns dentro do MS. Bodley 264, mas o autor rejeita essa possibilidade, e entende que as conexões não são mera coincidência (DAVENPORT, 1971, p. 87). Como explica, o motivo pelo qual não se costuma acreditar nas conexões entre texto e margem se dá pelo processo em que o livro era produzido. Neste ofício, apenas o miniaturista precisaria de conhecimentos acerca do conteúdo escrito, e as margens seriam, provavelmente, feitas por artistas diferentes, sendo pouco provável que as margens seriam conectadas ao texto (DAVENPORT, 1971, pp. 92-93). Ao considerar esta explicação, mas também as diversas similitudes apontadas entre miniaturas centrais e imagens marginais, seria possível traçar suposições: primeiramente, o artista responsável pelas margens poderia estar sendo influenciado pelas miniaturas do texto para tematizar as margens, ou; considerando que o MS. Bodley 264 foi feito por um ateliê, os artistas poderiam estar em constante troca de informações, levando a uma maior compreensão do significado das miniaturas. Estas dinâmicas dentro de uma oficina seriam prováveis, e como afirma Maria Cristina Pereira, colocariam lado a lado o processo de crítica e criação (PEREIRA, 2008).

Ainda, há a interpretação de Margherita Lecco, cuja preocupação ao observar e estudar as margens do MS. Bodley 264 está nos jogos. Para Lecco, o volume em questão é como uma

enciclopédia dos jogos medievais, uma vez que mostra a pluralidade dos mesmos, dos jogos infantis aos de tabuleiro e de combate. Seu posicionamento é de que as imagens produzidas ao centro e às margens produzem uma dicotomia e complementaridade, cada qual abordando um aspecto da atividade humana, isto é, ao centro a gloriosa trajetória de Alexandre, e nas margens os ofícios e trabalhos do cotidiano. O manuscrito comporia uma espécie de elogio a estas atividades, divididas nos espaços dos fólhos, mas fundamentais para a vida (LECCO, 2013-2014, p. 14).

Por fim, destaca-se que não parece razoável restringir as margens a desenhos sem sentido ou relações, uma vez que ali estão representados personagens importantes, como o próprio Alexandre, assim como o ouro é abundantemente utilizado nas mesmas. É evidente que a iluminação do manuscrito esteve ligada a um patrono com recursos, mas o próprio planejamento de uso do ouro na confecção das imagens⁸ já demonstraria que as figuras marginais não seriam negligenciáveis.

A partir daqui pode-se suscitar outra questão relacionada às margens do MS. Bodley 264, referente ao alto número de imagens que representam práticas lúdicas, sejam elas violentas, de azar, atreladas a animais, ou mesmo circenses, o que levanta a pergunta do porquê de elas existirem, e qual sua importância. Que significado este elevado número de atividades e brincadeiras nas margens têm no contexto do manuscrito?

Como forma de expor a grande quantidade de ilustrações que representam jogos e atividades lúdicas, organizou-se uma tabela com os tipos de práticas presentes no manuscrito, quais sejam: as atividades de cavalaria, os jogos de tabuleiro, os banquetes, a dança e a música, atividades com animais – incluindo caça, falcoaria e briga de galo –, ou outras atividades – que variam entre a perna de pau, o equilibrismo, o teatro de fantoches, o pião, o balanço, e outros.⁹ Nesta divisão, anotou-se se a imagem aparece nas margens, dentro das iluminuras ou espalhadas na ornamentação ou iniciais. Quanto à classificação de atividades de cavalaria, interpôs-se a dificuldade de diferenciar os exercícios lúdicos dos bélicos, como guerras ou hostilidades diversas, que estão representadas em número significativo nas iluminuras. Esta indefinição pode ser explicada pois, como atesta Jean Flori, os torneios comportavam grande número de participantes, podendo ser muito similares à guerra (FLORI, 2005, p. 100). Desta forma, optou-se por selecionar imagens que apresentassem combates

⁸ Segundo Raymond Clemens e Tymotheny Graham, o ouro poderia ser o primeiro ou último elemento incorporado ao ciclo de ilustrações, o que exigiria o devido cuidado e planejamento (2007, pp. 21-22 e 33).

⁹ Uma listagem e descrição dos diversos tipos de jogos que aparecem no MS. Bodley 264 também pode ser encontrada em artigo de Margherita Lecco (2013-2014, pp. 9-12).

singulares, aproximando-se mais explicitamente das justas. Também foi necessário desconsiderar todas as figuras portando instrumentos relacionados à guerra. Para o critério da dança e música, também se desconsiderou figuras portando instrumentos em aparente contexto de guerra.

Observar-se-á o grande número de fólios registrados no critério “Dança e música”, na ornamentação ou em iniciais. Cabe notar, porém, que em tais fólios há apenas representações humanas portando instrumentos, isoladas de qualquer contexto lúdico. Decidiu-se por sua contabilização por suas notáveis e numerosas ocorrências.

Tabela 1 - Levantamento das atividades lúdicas nas imagens do MS. Bodley 264.

	Nas margens	Em iluminuras	Junto à ornamentação ou em iniciais
Atividades de cavalaria	50r, 56r, 61v, 67r, 82v, 89r, 92r, 100r, 101v, 113r, 121r, 139r	75r, 91v, 101v, 109r, 117v, 129v, 139v	N/A
Jogos de tabuleiro	60r, 64r, 76v, 92v, 109v, 112r, 121v, 126r, 145v	127v	N/A
Banquetes	N/A	67v, 72v, 73v, 104v, 146v, 163v, 172v, 188v	N/A
Dança e música	20v, 21v, 50r, 51v, 58r, 70r, 78r, 81r, 84v, 86r, 97v, 104v, 105r, 106r, 110r, 117v, 119r, 120v, 129r, 138r, 149v, 157v, 172r, 172v, 173r, 175r, 180v, 181v, 182r, 188v	181v	3r, 12v, 17r, 17v, 23v, 26r, 29v, 30v, 31v, 34v, 35r, 35v, 36v, 41r, 42v, 44r, 52r, 68v, 78r, 79v, 84v, 90r, 91r, 92r, 105r, 108r, 108v, 109v, 112r, 119v, 128r, 133r, 133v, 139v, 144v, 175r,
Atividades com animais	20v, 50r, 62v, 72r, 77r, 99v, 117r, 122v	N/A	N/A
Outros	3r, 43v, 54v, 63r, 64r, 64v, 65r, 70v, 76r, 78v, 90r, 91r, 98r, 98v, 108v, 123r, 125v, 130r, 130v, 132v, 135r	N/A	40r

Fonte: Produção autoral.

Como pode ser visto na tabela, as atividades selecionadas aparecem tanto em meio ao texto quanto nas margens, apesar de, no quantitativo final, estarem mais presentes na segunda. Porém, há uma separação evidente quanto a quais tipos de imagens estão mais presentes em meio ao texto ou na marginalia. Nota-se que atividades lúdicas da aristocracia cortesã predominam nas miniaturas junto ao texto, com representações de atividades de cavalaria e

banquetes, aparecendo uma única vez a dança, assim como o jogo de tabuleiro – em que está colocado o xadrez, de evidente vinculação aristocrática. É possível afirmar que o mais relevante sobre as temáticas predominantes nas miniaturas é o que está ausente em comparação com as margens. Isto é, ao observar as figuras marginais, nota-se da aparição de todas as categorias da tabela exceto os banquetes. Há situações em que se representam atividades de cavalaria, assim como múltiplas figuras com instrumentos e em contexto de dança, além dos jogos de tabuleiro, que agora sim ultrapassam exclusivamente o xadrez, com representações de outras formas de tabuleiro. Neste sentido, a predominância da categoria “Outros” entre as figuras encontradas nas margens é simbólica: ali contempla-se uma maioria de jogos ditos populares, que não tem espaço possível no centro do manuscrito. Novamente, retorna-se às concepções de organização do manuscrito em consonância com a ordenação esperada da sociedade medieval, aproximam-se as imagens marginais com os grupos igualmente marginalizados no Ocidente medieval (PEREIRA, 2008).

Quanto às figuras antropomórficas portando instrumentos musicais em iniciais ou ornamentos, estas aparecem durante praticamente todo o manuscrito, mostrando, apesar de estar fora de um contexto musical, a importância da sonoridade e a presença lúdica sempre constante entre os fólhos. As figuras tocando instrumentos e dançando também são muito mais presentes nas margens que no texto, conjuntamente a figuras que formam o que estaria representando cirandas ou bailes.

Entre as atividades de cavalaria, fora as representações constantes de guerra e disputas bélicas, o exercício da justa ou algo que remeta ao seu treino é o mais recorrente, a exemplo de figuras como as presentes nos fólhos 56r, 82v e 89r – apresentados em seguida: a primeira trazendo três figuras que remetem a homens, portando uma lança, e que se direcionam a um alvo; a segunda que mostra tanto uma figura antropomórfica carregando uma lança até o que seria uma estrutura parecida com um estafermo¹⁰, quanto outra figura humana sentada ao que parece um cavalo de madeira, puxado por outros dois sujeitos, em direção a um alvo; e a terceira, que apresenta, de forma curiosa, este mesmo contexto, onde um sujeito porta uma lança em direção a um alvo, mas, desta vez, está sob uma embarcação, com alguns indivíduos que remam. A variedade de situações sobre um mesmo tema, nestas figuras, demonstra a inventividade dos iluminadores, assim como seu senso burlesco quanto a uma prática aristocrática corrente.

¹⁰ Um boneco com um escudo, que girava em torno de seu eixo ao ser acertado para atingir o cavaleiro, que precisava de destreza para se esquivar do contragolpe. (LADERO QUESADA, 2004, p. 137)

Imagem 6 – Figuras antropomórficas com uma lança em direção a um alvo, fólio 56r.



Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Imagem 7 – Estrutura semelhante a um estafermo à esquerda e cavalo de pau à direita, fólio 82v.



Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Imagem 8 – Figuras humanas praticando a justa sobre uma embarcação, fólio 89r.



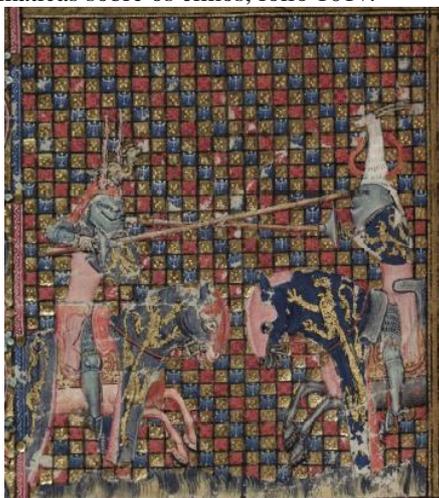
Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Pode-se notar a comicidade das situações, pois os equipamentos dizem respeito ao treino para o combate com a lança, mas são expostas cenas inusitadas para a prática. Para um leitor aristocrata, cujo cotidiano está atrelado ao treinamento e participação em eventos cavalheirescos, as propostas em destaque subverteriam sua noção sobre o costume, o que ressaltaria o aspecto cômico.

O aparecimento frequente das justas e atividades análogas pode ser explicada por sua popularidade entre o bloco hegemônico da sociedade do século XIV. É neste período que as justas se sobrepõe à prática dos torneios – quando aristocratas entravam juntos em campo, em um exercício próximo à guerra – (FLORI, 2005, pp. 107-108), e como atividade cortesã de maior atenção neste período, seria mais provável que fosse representada diversas vezes em relação a outras. É possível atentar para a presença de apetrechos ligados às justas para além das representações da prática em si, pois como coloca Mark Cruse, mesmo em imagens de

guerra os cavaleiros utilizam utensílios de justa, como as “cristas” sobre os elmos dos cavaleiros (CRUSE, 2006, p. 52; 2011, pp. 83-84). O detalhe a seguir demonstra estes aspectos de forma destacada.

Imagem 9 – Detalhe de miniatura de fólho inteiro, onde dois cavaleiros em conflito utilizam “cristas” temáticas sobre os elmos, fólho 101v.



Fonte: Bodleian Libraries, University of Oxford

Este é um recorte do fólho 101v, apresentado de forma integral anteriormente, que explicita as características abordadas. Nota-se que ainda que estejam em um contexto de guerra na narrativa, o duelo entre cavaleiros é a representação de uma justa, onde há o combate individual, os brasões e, principalmente, a “crista”. O retorno constante às atividades lúdicas como as justas, em conjunto a seus aspectos de honra, habilidade e ostentação, e ligados à esfera e ao poder aristocrático, indica novamente o público ao qual se destinava esta produção, assim como ressalta os valores a serem mantidos por eles.

Considerações finais

Desta forma, acompanhando as considerações propostas por Mark Cruse, entende-se que o MS. Bodley 264 foi produzido de forma a ser apreciado pela nobreza de corte franco-flamenga, e, portanto, o volume em análise estaria ligado a uma produção e patronato ligado à vida cortesã (CRUSE, 2006; 2011; 2014). Esta série de elementos cavaleirescos e aristocráticos presentes nos fólhos do manuscrito determinariam que, ao introduzi-los de forma a ressignificar um texto que circularia desde a antiguidade, coloca-se Alexandre como um indivíduo de corte assim como seus leitores e ouvintes. Cruse defende que o uso de brasões de armas no circuito de imagens do códice teria este sentido, buscando significar uma continuidade de tradições de tempos remotos até o contexto dos receptores do texto e das imagens (CRUSE, 2006, p. 45). Para a aristocracia em questão, ainda segundo Cruse,

Alexandre é sua origem nobre (CRUSE, 2011, p. 17), e as representações simultâneas entre a corte antiga e medieval presentes no manuscrito reforçam a tradução de valores da antiguidade aos leitores deste “Romance de Alexandre” (CRUSE, 2011, p. 20).

Tratar do aspecto lúdico no cenário medieval deve se fazer presente, e se coloca em intensa relação com o caso do MS. Bodley 264, uma vez que parte significativa de seus fólios foi preenchida por jogos e diversões variadas, e como coloca Mark Cruse, o manuscrito foi produto de uma sociedade que estava repleta destas festividades (CRUSE, 2006, p. 52).

A riqueza material, textual e imagética do manuscrito MS. Bodley 264 permite o aprofundamento de sua análise a partir de problemáticas diversas. Neste artigo, após apresentar de forma densa o volume enquanto material e seu texto como a circulação de uma tradição, ressignificada no correr do tempo e espaço, foram levantados debates sobre suas imagens, e especificamente das figuras marginais do manuscrito. Da compreensão do manuscrito como espaço em que se ordena elementos ora ao centro, ora à margem, passou-se às possibilidades de relacionamento entre estes dois polos. Por fim, a percepção de um destaque aos aspectos lúdicos presentes no manuscrito, embasadas quantitativamente na elaboração de uma tabela, levou à consolidação de hipóteses levantadas pela historiografia dedicada ao MS. Bodley 264.

Referências bibliográficas

- ANÔNIMO; GRISE, Jehan de. **Romance of Alexander**, c. 1400. Bodleian Library MS. Bodl. 264, Photo: Bodleian Libraries, University of Oxford, 2018. Disponível: <<https://digital.bodleian.ox.ac.uk/inquire/p/2d7945ce-b71e-41c6-ad1f-8af6b92f020f>>, acessado em: set. 2020.
- BASCHET, J. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
- CLEMENS, R.; GRAHAM, T. **Introduction to Manuscript Studies**. Ithaca & London: Cornell University Press, 2007.
- CRUSE, M. Costuming the Past: Heraldry in Illustrations of the "Roman d'Alexandre" (Oxford, Bodleian Library, MS Bodley 264). **Gesta**, vol. 45, n. 1, 2006, pp. 43-59. Disponível: <<http://www.jstor.org/stable/25067125>>, acessado em: set. 2020.
- _____. **Illuminating the Roman d'Alexandre**: Oxford, Bodleian Library, MS Bodley 264. The manuscript as monument. Cambridge: D. S. Brewer, 2011.
- _____. Making a “Super Alexander Romance” (Oxford, Bodleian Library, MS Bodley 264): Tradition and innovation in workshop practice. **Troianalexandrina**, 14, 2014, pp. 65-90. Disponível: <<https://www.brepolonline.net/doi/abs/10.1484/J.TROIA.5.108307>>, acessado em: set. 2020.
- DAVENPORT, S. K. Illustrations Direct and Oblique in the Margins of an Alexander Romance at Oxford. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, vol. 34, 1971, pp. 83-95. Disponível: <<http://www.jstor.org/stable/751016>>, acessado em: set. 2020.

- FLORI, J. A **Cavalaria**: A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.
- HAMBURGER, J. F. Review of Michael Camille: Image on the edge. **The Art Bulletin**, vol. 75, n. 2, 1993, pp. 319-327.
- LADERO QUESADA, M. Á. **Las fiestas en la cultura medieval**, Espanha: Areté, 2004.
- MOSSÉ, C. O Alexandre Medieval. IN: *Alexandre, o Grande*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- LECCO, M. I giocosi *marginalia* del manoscritto Oxford, Bodleian Library, MS. Bodl. 264. **Ludica**, 19-20, 2013-2014, pp. 7-16.
- PÄCHT, O.; ALEXANDER, J. J. G. **Illuminated Manuscripts in the Bodleian Library**. Oxford: Oxford University Press, 1966-1973. 3 vols.
- PEREIRA, M. C. C. L. À margem da página: imagens ‘marginais’ nos manuscritos medievais. In: **9º Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética**. Vitória: UFES, 2008.
- ROSS, D. J. A. Nectanebus in His Palace: A Problem of Alexander Iconography. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, vol. 15, n. 1/2, 1952, pp. 67-87. Disponível: <<http://www.jstor.org/stable/750114>>, acessado em: set. 2020.
- SCHMITT, J.-C. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007.
- STONEMAN, R. Introduction. In: **The Greek Alexander Romance**. Londres: Penguin Books, 1991.
- VIDAL-NAQUET, P. Os Alexandres. In: **Os gregos, os historiadores, a democracia**: o grande desvio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em: 05 de outubro de 2020.

Aprovado em: 17 de janeiro de 2021.